Conteúdo

Prefácio 13

1. A Escola Portuguesa: a grande conspiração 21
   1.1. A degradação do ensino 23
   1.2. A História é não linear 27
   1.3. E se sorteássemos os professores que são promovidos? 30
   1.4. Uma quota para maus alunos? 33
   1.5. Uma tremenda falta de educação 36
   1.6. O congelador social 39
   1.7. A armadilha de Édipo 42
   1.8. A força dos professores 45
   1.9. Um terreno cada vez mais lamacento 48
   1.10. A educação como fogo de vista 51
   1.11. Os *ciganos* dos Açores 54
   1.12. A estigmatização das escolas públicas 57

2. Economia Portuguesa 61
   2.1. A acusação de xenofobia é de quem não quer discutir 63
   2.2. Economia dos incêndios 66
   2.3. IVA contra a pobreza 69
   2.4. Quando interessa as que cá não estão 73
   2.5. A semana dos quatro dias 76
   2.6. Keynes era uma formiga 79
   2.7. Pela legalização da canábis 82
   2.8. No Zimbabué, chamam-lhe ganhar a lotaria 85
   2.9. Alterar os impostos sobre os combustíveis? Só se for para os aumentar! 88

2.10. Envelhecimento, Segurança Social e poupança 91
2.11. A Nova Zelândia de pernas para o ar 94
2.12. Quando o Drácula corre mais do que nós 97
2.13. O canto das sereias 100
2.14. Os custos económicos de ter um governo disfuncional 103
2.15. E, no entanto, ela abre-se e cresce 106
2.16. A não tão Santa Casa 109
2.17. "São escolhas, é a vida", diz Lagarde 112
2.18. Temos sempre os noruegueses 115
2.19. O mercado dos jornais 118
2.20. ChatGPTreta 121
2.21. Quem pilota a TAP? 124
2.22. A esquerda liberal e a direita iliberal 127

3. Análise Política e Eleitoral 131
3.1. No escurinho da cabina 133
3.2. Dar gás a Ventura 136
3.3. A sacrossanta liberdade de expressão 139
3.4. Não dá para compensar 142
3.5. Geometrias orçamentais 145
3.6. Matemáticas eleitorais: o teorema da impossibilidade de Arrow e referendos 148
3.7. Muitas voltas numa só 159
3.8. Deliberações velhas, eleições novas 162
3.9. Direita ou esquerda? 165

4. Espuma dos Dias 169
4.1. A última ceia olímpica 171
4.2. Investimento olímpico 174
4.3. Porque causa Cavaco Silva tanta urticária à esquerda? 177
4.4. Uma oportunidade perdida 180
4.5. Os portões do inferno 183
4.6. Os Açores 186
4.7. Sem filtro 189
4.8. Os olhos violeta de Liz Taylor 192

5. Parábolas Económicas 195
5.1. O dilema de uma ciência politicamente empenhada 197
5.2. Um vibrador no cu 201
5.3. Se lhe pedem para acreditar no inacreditável, desconfie 207

5.4. Um Nobel para a “correlação não é causalidade” 210
5.5. Um Nobel para uma Parábola Bancária 213
5.6. Julgamento por ordália 216
5.7. Racismo, sexismo, jogos e mercado 219

6. Chocolates no Hotel Infinito: Uma Parábola da Segurança Social 223
6.1. O Hotel Infinito de Hilbert nunca está lotado, mesmo quando está esgotado 225
6.2. Gerações sobrepostas 227
6.3. O concílio das almas 231
6.4. Um sistema de repartição para segurança social? 233
6.5. Sistemas de capitalização 238
6.6. Lições para Portugal 240

7. Guerra dos Sexos 243
7.1. Coladas ao chão com um teto de vidro 245
7.2. Em tempos de crise contrate uma mulher 249
7.3. *Trickle down feminism*? 252
7.4. O estatuto legal e fiscal da “mulher dona de casa” 255

8. Tribunais 259
8.1. Pornografia barata no tribunal 261
8.2. *Eppur si muove* 264
8.3. Ruído na Justiça 267
8.4. Um juiz do século XIII para o Tribunal Constitucional? 270
8.5. E a independência dos juízes do Tribunal Constitucional? 273

1.1. A degradação do ensino

Expresso, 30 de abril de 2021

A minha mais velha participou na segunda eliminatória das Olimpíadas de Matemática, categoria júnior, correspondente ao 6.º e 7.º ano. Quando chegou a casa, claro, obrigou-me a resolver com ela a prova para poder aquilatar as probabilidades de chegar à final. A prova era interessantíssima (parabéns aos seus autores), exigindo alguns conhecimentos de Matemática — não muito avançados, diga-se — e bastante destreza de raciocínio. E, mais uma vez, pude confirmar o que já sabia: o ensino atual é bem mais exigente do que era há umas décadas e exige das crianças bem mais do que boa memória.

A excelência do ensino dos nossos pais não passa de um mito. Lembro-me de a minha sogra, para me convencer de que há sessenta anos a escola primária era muito exigente, me contar que teve de decorar todas as estações de comboio e todas as minas de Portugal. Em jeito de brincadeira, respondi-lhe que não lhe servia de muito, já que as minas e as estações estavam todas fechadas. Confunde-se exigência com dificuldade. Claro que é difícil e chato decorar todas as estações de comboio de Portugal. Mas não tem nada de exigente. Na verdade, é um exercício bastante estúpido.

Esta mitificação do ensino passado é ilustrada na perfeição por uma imagem que andou a ser partilhada nas redes sociais e que reproduzo aqui. Nela sugere-se que o ensino é cada vez mais fácil. Em 1970, pedia-se para calcular a área de um retângulo com dois cantos cortados. Depois o exercício vai ficando cada vez mais fácil até que, em 2018, se pede à criança que pinte o retângulo e, em 2022, que faça um desenho com lápis de cera.

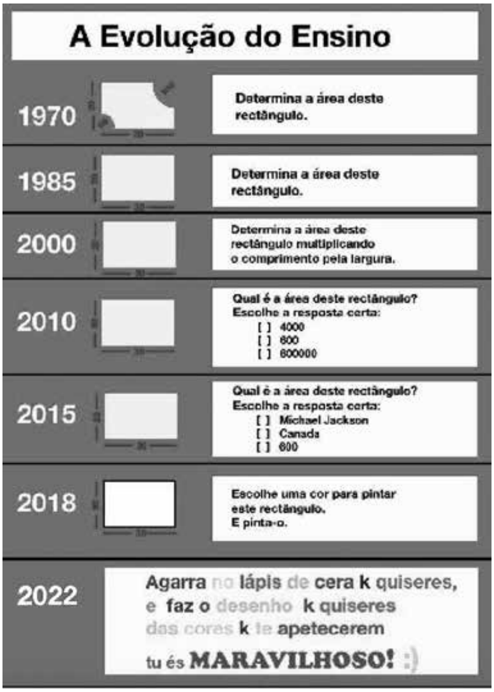


Figura 1. Palermice que circula nas redes sociais.

O que mais me surpreende é a forma acrítica como esta imagem é partilhada, com tantos a clamarem que no seu tempo é que o ensino era exigente. A única explicação possível é que não têm filhos. Ou, se os têm, não os acompanham na escola. Confesso, são muitas as dúvidas que as minhas filhas têm que não consigo esclarecer. No caso da disciplina de Português, então, já desisti mesmo de tentar perceber. Despacho-as para a mãe, que, por sua vez, as recambia para a irmã (professora de Português).

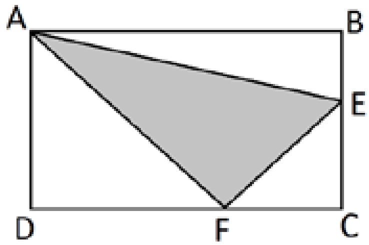
Mas voltemos à pergunta da imagem. A partilha é tão tonta que nem se apercebem de que a primeira pergunta está errada. Não se trata de um retângulo, nem sequer de um polígono, como qualquer criança do terceiro ano saberá. Adicionalmente, nem é particularmente difícil. Uma criança do quarto ano só não saberia responder por não ter ainda aprendido a fórmula da área de um círculo.

Calhou, na altura em que vi esta imagem, estar a estudar com a minha filha do quarto ano o cálculo de áreas. No manual, encontro esta pergunta:

"O pomar da avó da Inês tem forma retangular de 2,4 hm de largura e 270 m de comprimento. A avó quer plantar laranjeiras numa área equivalente a 1/5 do seu pomar. Qual é a área, em ares, destinada às laranjeiras?"

É apenas um exemplo, há perguntas mais fáceis, e há mais difíceis. Não tem é nenhuma correspondência com a caricatura que é feita do ensino atual.

Já agora, nas Olimpíadas de quarta-feira — para alunos com 11 e 12 anos de idade, lembro —, também pediam para calcular uma área. "O retângulo [ABCD] tem de área 60 cm^2. A área do triângulo [ABE] é um quinto da área de [ABCD], e a área do triângulo [EFC] é um oitavo da área do retângulo. Qual a área do triângulo sombreado?" Se o meu caro leitor não conseguir responder, pode sempre colorir a figura com lápis de cera.



Não vale a pena dar grandes voltas. A escola de hoje tem muitos defeitos e, sei-o bem, muito por onde melhorar. Mas é incomparavelmente melhor do que foi a nossa e a dos nossos pais.

Post scriptum:
Resolução do problema das Olimpíadas

Pergunta: "O retângulo [ABCD] tem de área 60 cm^2. A área do triângulo [ABE] é um quinto da área de [ABCD] e a área do triângulo [EFC] é um oitavo da área do retângulo. Qual a área do triângulo sombreado?"

Basicamente, precisamos de saber a área de [ADF]. Ora [ADF] = $(\overline{AD} \times \overline{DF})/2 = (\overline{AD} \times (\overline{AB} - \overline{FC}))/2$.

Truque para uma resposta rápida, prática e aceitável num teste deste tipo: atribuir comprimentos aos lados do retângulo e fazer as contas a partir daí. Repare-se que, da forma como a pergunta está formulada, o resultado tem de ser válido independentemente de quais sejam os comprimentos dos lados, desde que, claro, a área do retângulo seja 60. Admita então que os lados têm os seguintes comprimentos: $\overline{AB}$ = 12 cm; $\overline{AD}$ = 5 cm.

Como o triângulo [ABE] tem área de 12, nós sabemos que $\overline{BE} \times \overline{AB} = 24$.

Logo $\overline{BE} \times 12 = 24$, ou seja BE = 2. O que quer dizer $\overline{EC} = 3$.

Como o triângulo [EFC] tem área de 7,5, nós sabemos que $\overline{EC} \times \overline{FC} = 15$. De onde se conclui que $\overline{FC} = 5$. Logo $\overline{DF} = 7$.

Daqui sabemos que a área do triângulo [ADF] = $(\overline{AD} \times \overline{DF})/2 = (5 \times 7)/2 = 17.5$.

E já está: a área do triângulo [EFA]: 60 cm^2 – 12 cm^2 – 7,5 cm^2 – 17,5 cm^2 = 23 cm^2.

1.2. A História é não linear

Expresso, 21 de maio de 2021

António Barreto deu uma entrevista ao *Sol* que teve como título "A Justiça do antigo regime era mais séria do que a de agora". A torrente de críticas que se seguiu foi a esperada. Sempre que alguém diz que alguma coisa está pior do que no tempo de Salazar e Caetano é acusado de branquear o antigo regime. Não alinho neste discurso. Se nunca nada se pudesse comparar ao Estado Novo, então nunca o poderíamos usar como lição. Não faz sentido. Quando alguém como Barreto faz um alerta destes, não está a defender o Estado Novo, está simplesmente assustado com o estado a que isto chegou num determinado sector, no caso a Justiça. Não está a manifestar nenhumas saudades do passado. Bem pelo contrário, explicitamente, queixa-se de que, e cito, "o 25 de Abril ainda não chegou à Justiça".

Como é habitual, muitos dos que criticaram não tinham lido. Acusavam-no de se ter esquecido dos tribunais plenários, quando, declaradamente, os execra. Vai mais longe e diz que "o problema antigamente era o Ministério Público, que era político, era a Justiça política, dos plenários, os tribunais administrativos, a Justiça económica… tudo isso era do piorio". Circunscreve o problema à justiça penal e civil. Mas nem assim. Nem um jurista sério e credenciado, como André Lamas Leite, professor de Direito na Universidade do Porto, foge à discussão superficial, resumindo-se a sua argumentação, no *Público*, a uma das suas frases fortes: "nunca se pode comparar um Estado de direito democrático com um outro autoritário". Se